

ETNICIDADE E CLASSES SOCIAIS

Em torno do valor heurístico da conceptualização da etnia como categoria social

Maria José Casa-Nova*

No decurso deste texto procuraremos reflectir essencialmente em torno das problemáticas de etnicidade e de classe social, no sentido de perceber se a relação estabelecida entre algumas famílias de etnia cigana de uma dada comunidade e a escola que a serve, é influenciada/atravessada por qualquer daquelas categorias sociais. No seguimento desta discussão, problematiza-se a necessidade e a possibilidade de conceptualização de um novo conceito - lugares de etnia - que permita um conhecimento mais aprofundado da etnicidade cigana, das regularidades e singularidades culturais que apresenta

As desigualdades resultantes da estruturação social por classes são uma das formas de que se revestem as desigualdades sociais actuais, a que mais recentemente se associou a teorização sobre outras formas de desigualdade como sejam de género e de etnia. As sociedades cada vez mais multiculturais, pela

* Departamento de Sociologia da Educação e Administração Educacional. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho

Este artigo é parte integrante do quadro teórico produzido no âmbito da dissertação de mestrado que a autora concluiu em 1999, onde se procurou essencialmente conhecer e compreender (tendo por base as socializações familiares) diferentes formas de perspectivar a escola por parte de famílias de etnia cigana (residentes num bairro da periferia da cidade do Porto) tendo como referência a possibilidade de inserção das suas filhas (e filhos) no mercado de trabalho. Procurou-se também conhecer e compreender formas e processos das professoras trabalharem, no interior da escola, com a diferença resultante da pertença étnica, de género e de classe.

intensificação dos processos de globalização, puseram gradualmente em «evidência a diferenciação por etnicidade por relação [ou em oposição] à diferenciação por classes sociais, ou pelo menos, tende a ser-lhes acrescentado» (Perotti, 1997:39), naquilo que parece ser um deslocamento da centralidade clássica desta categoria de análise das estruturas sociais. Com efeito, actualmente assiste-se a uma diferenciação social que já não assume unicamente a forma de desigualdades de classe, discutindo-se, não «o desaparecimento de grupos constituídos por relação à propriedade e ao sistema produtivo, como são as classes e a sua substituição pela formação de grupos com filiação étnica [mas] antes a possibilidade de estarmos perante um potente eixo de estruturação da diferenciação social cuja importância não deve ser iludida e que, em certos contextos, poderá alterar a primazia da classe» (Seabra, 1994: 9, 10).

Estas formas de diferenciação social por etnia, apesar de não serem novas, revestem-se actualmente de maior acuidade dada a intensificação dos processos de globalização, que puseram em contacto sujeitos-actores¹ pertencentes a códigos culturais diferenciados, evidenciando a necessidade de uma análise «não-sincrónica» (McCarthy, 1994) dos efeitos resultantes dos processos de interacção social entre sujeitos-actores pertencentes a diferentes (ou mesmo idênticas) categorias culturais.

No caso particular da comunidade cigana estudada, vimo-nos confrontados, por razões que adiante explicitaremos/problematizaremos, com a dificuldade de inserção dos seus elementos dentro da categoria social de classe, seja em termos das concepções mais clássicas de classe social, como são as de Karl Marx e Max Weber, seja em termos das concepções mais recentes como a de Pierre

¹ A presente opção pela junção dos conceitos de «sujeito» e de «actor» prende-se com o facto de se considerar que o indivíduo, na sua quotidianidade, age simultaneamente como sujeito e como actor (embora com diferentes graus de intensidade em função dos contextos e das dinâmicas sociais) dado que, ao mesmo tempo que é condicionado por constrangimentos de várias ordens, resultantes de processos de socialização (o *habitus* na sua componente estruturante de que nos fala Bourdieu, ou seja, o indivíduo como reprodutor cultural e social), também possui capacidade de *agência* humana (Giroux, 1983) resultante da capacidade de reflexão sobre as suas acções e sobre as acções dos outros e da interacção que desenvolve com o outro culturalmente igual ou diferente de si (o indivíduo como produtor). Neste sentido, considera-se cientificamente mais adequado e profícuo a utilização do conceito de «sujeitos-actores» sociais.

Bourdieu ou de Erik Olin Wright. Esta dificuldade resulta fundamentalmente do facto desta forma de diferenciação social não apresentar, na nossa perspectiva, grande potencial heurístico na sua análise, ou seja, não contribuir de forma substantiva para o conhecimento da identidade, da cultura, das formas de vida dos sujeitos-actores em análise.

O conceito de classe – de Marx a Olin Wright

A concepção marxista define a pertença de classe em função do lugar ocupado pelos sujeitos-actores nas relações de produção, ou seja, detentores ou despossuídos dos meios de produção, traduzindo-se basicamente na existência de duas classes antagónicas, cujas relações traduzem dinâmicas de poder: proprietária (burguesia) e assalariada (proletariado) que, em constantes lutas entre si, constituíam o motor da mudança social. Nas palavras de Marx (1997: 21, 22, edição original de 1848) «A história de toda a sociedade até agora existente é a história de luta de classes () A nossa época, a época da burguesia, distingue-se, contudo, por ter simplificado os antagonismos de classe. Toda a sociedade está a dividir-se, cada vez mais, em dois grandes campos hostis, em duas grandes classes em confronto directo: a burguesia e o proletariado»²

A concepção Weberiana, embora definindo também as classes sociais em função do lugar ocupado nas relações de produção, considera que as diferenças se estabelecem na esfera do mercado e nas relações de competição entre sujeitos-actores individuais e colectivos, dando origem não somente à existência de «duas classes sociais antagónicas, mas a uma pluralidade de situações de classe» (Almeida, 1995:135) Neste sentido, para Weber (1979: 63, edição original de 1922), uma classe seria definida como um «grupo de pessoas que se encontra na mesma situação» no que concerne «apenas àqueles interesses ligados à existência do “mercado”» (*op cit* : 65) No entanto, isto não significa que daqui «decorra uma consciência comum e um protagonismo colectivo, como o

² A abordagem que aqui se faz das conceptualizações em torno da categoria social de classe é necessariamente simplista e redutora das teorizações dos autores, não espelhando a complexidade das análises produzidas. O nosso objectivo é tão somente explicitar em que medida elas nos poderão ser úteis para a leitura da realidade estudada

que Marx pensava terem, tendencialmente, a burguesia e o proletariado» (Almeida, 1995: 135).

Weber (1979) considera que a divisão/inclusão dos actores em classes, estando intimamente relacionada com a posse e o controlo ou não dos meios de produção, deriva também de diferenças económicas que não têm directamente a ver com a propriedade, mas com a posse de títulos académicos, saberes ou qualificações profissionais que se constituem em bens que afectam os tipos de trabalho que os actores são capazes de obter e realizar. Para além das classes, Weber distinguiu dois aspectos considerados básicos para a estratificação social, a que chamou *status* e *partido*, sendo que o primeiro diz respeito às diferenças existentes entre grupos sociais em matéria de prestígio social que lhes é conferido (herdado) e/ou reconhecido pelos outros sujeitos-actores sociais e que poderá ser condicionador da construção do círculo de relações e conduzir ao monopólio de determinados cargos; o segundo está relacionado com a constituição de grupos de sujeitos-actores que se agrupam e desenvolvem trabalho conjunto em função da pertença a uma mesma origem e à partilha de objectivos, ideologias e/ou interesses comuns com vista à aquisição de poder em várias esferas da sociedade.

Analisando a comunidade cigana sobre a qual incidiu a nossa pesquisa de terreno, e tendo por referência a precaridade dos modos de trabalho que aí subsistem, nomeadamente (e principalmente) a venda ambulante e em feiras, consideramos que efectivamente não é um grupo étnico que se constitua por referência à propriedade e ao sistema de produção (embora exerça actividade económica e, como tal, esteja, em certa medida, articulada com o sistema económico). No entanto, só raramente exerce trabalho assalariado (nesta comunidade, só tivemos conhecimento de um elemento a desenvolver trabalho assalariado), não se conhecendo também nenhuma situação de «emburguesamento» no sentido de se constituírem como entidade patronal, nem mesmo intra-grupo³. Não são

³ A divisão interna do trabalho nesta comunidade é realizada fundamentalmente dentro da família, sem o recurso a mão-de-obra assalariada. Regra geral o homem tem a seu cargo a compra dos artigos a comercializar, bem como a condução dos veículos para os locais de comercialização (as feiras), ficando normalmente a cargo da mulher e dos filhos a comercialização dos artigos.

No entanto, no que concerne à divisão de papéis entre os dois géneros, registamos o facto de, numa das famílias que fizeram parte do nosso estudo, a condução ser realizada pelo elemento do género

portanto detentores de meios de produção, nem se enquadram no grupo dos assalariados.

Por outro lado, o prestígio social de que eventualmente alguns elementos possam gozar, por razões internas ao grupo e segundo critérios/valores relativos à própria cultura, nomeadamente o reconhecimento da capacidade mediadora em situações de conflito intra e inter comunidades, restringe-se à própria comunidade, não extravasando os seus limites.

As redefinições do conceito de classe social propostas por Bourdieu e Olin Wright, não nos parecem também apresentar, até ao momento, potencial heurístico suficiente para conceptualizar este grupo étnico em termos da categoria social de classe. O sociólogo Pierre Bourdieu (1977, 1979 e 1980) define/diferencia as classes sociais tendo em atenção a posse de diferentes tipos de capitais, a saber, capital económico, capital cultural e capital social ou simbólico, sendo o modo como os vários tipos de capitais se combinam para formar um «montante global de capital possuído» (Almeida, 1995:136), que define a pertença a determinada classe social, jogando-se estes capitais dentro do mercado de trabalho.

Olin Wright (1989, edição original de 1985), define a pertença de classe tendo por referência três tipos de recursos que, articulados entre si definem, por um lado, o estatuto social dos indivíduos e, por outro, poderão dar origem a uma multiplicidade de *lugares de classe*: detentores e excluídos dos meios de produção; recursos e qualificações profissionais e/ou escolares, que diferenciam os sujeitos-actores que exercem ocupações mais no domínio da concepção, daqueles que desenvolvem ocupações mais no domínio da execução e, finalmente, recursos organizacionais, que distinguem os sujeitos-actores que possuem poder de decisão e autoridade dentro das organizações, daqueles que não detêm esse poder. De acordo com Olin Wright (ibidem), esses *lugares de classe* são definidos por referência à posse diferenciada, por parte dos indivíduos, dos três tipos de recursos acima mencionados. Neste sentido, entre a burguesia, detentora dos meios de produção e de outros recursos e o operariado, existe uma quantidade diversificada de lugares de classe intermédios,

feminino, que é também o elemento do casal com maior visibilidade social, demonstrando (e detendo) maior protagonismo, quer ao nível da esfera pública, quer ao nível da esfera privada

«lugares contraditórios de classe» (Olin Wright, 1979) que serão definíveis, pela posse conjugada, por parte dos grupos assalariados, de dois tipos de recursos: qualificações profissionais ou académicas e poder nas organizações, ou pela posse apenas de um destes tipos de recursos⁴. Neste sentido, alguns destes grupos de assalariados poderão, ao mesmo tempo, pertencer ao grupo dos explorados (não detentores de meios de produção) e ao grupo dos exploradores, dado possuírem poder nas organizações e/ou elevadas qualificações profissionais e académicas, que lhes permite gozar de um determinado estatuto⁵. Será, por exemplo, o caso de gestores de empresas, ou outros quadros técnicos superiores. A definição destes *lugares de classe* joga-se portanto ao nível das relações de produção, na competição dentro do mercado de trabalho.

No que concerne à comunidade portuguesa de cultura cigana analisada, por relação com a comunidade portuguesa de cultura portuguesa residente no bairro e relativamente aos diferentes tipos de capitais conceptualizados por Bourdieu e por relação aos quais o autor define a pertença de classe, verificamos que aquela comunidade cigana não possui os *capitais* acima referidos (no sentido que nos parece ser atribuído por Bourdieu: possibilidade da sua rentabilização ao nível do mercado de trabalho). Existe no entanto alguma heterogeneidade no que diz respeito à posse de alguns recursos económicos por parte de algumas famílias (mas que não apresenta durabilidade dado ser normalmente investido na aquisição de lotes de vestuário ou em veículos de transporte próprios - que são simultaneamente instrumentos de trabalho -, ou seja, existem recursos económicos de sobrevivência mas não de acumulação, não se constituindo portanto em capital económico). Relativamente aos restantes capitais (e tanto quanto nos foi possível constatar através da observação participante e das entrevistas realizadas), não são detentores de títulos e certificados escolares elevados (o elemento com maior nível de escolarização na comunidade possui o 9º ano de escolaridade⁶), embora a escola comece a ser perspectivada por

⁴ O recurso «meios de produção» está sempre ausente nestes grupos de sujeitos-actores, dado a sua ausência ser definidora da sua condição de assalariados.

⁵ Para uma análise da sociedade portuguesa à luz das conceptualizações de Olin Wright ver Estanque e Mendes, 1997.

⁶ Dados fornecidos pelo líder da comunidade cigana.

algumas famílias como uma forma de elevação do estatuto social dos seus filhos e filhas. Não possuem também qualificações profissionais que lhes permitam competir no mercado de trabalho, estando periféricamente inseridos no sistema económico (na fase de comercialização), não sendo também detentores de poder de decisão em termos de pertença organizacional⁷.

Se considerássemos isoladamente a variável «trabalho», e dado que a ocupação exercida maioritariamente pela comunidade cigana em análise é a de feirante legalizado, que comercializa em espaços concessionados para o efeito (as feiras), o que também implica uma declaração anual de rendimentos, poderia considerar-se grande parte destes elementos como parte integrante do grupo social que Bourdieu (1998, edição original de 1979) designou de «pequenos comerciantes» e que Almeida, Firmino da Costa e Machado (1990) classificaram na categoria de «pequena burguesia independente». Consideramos no entanto que esta é uma variável descritiva, sem grande valor heurístico, que servindo estatisticamente e em termos de censos para classificar grupos sociais, não contempla a complexidade dos modos de vida desta comunidade cigana. Ao procurarmos analisar este grupo étnico através da categoria social de classe, corremos o risco de «desetnicizar» a comunidade e as identidades individuais, quando a etnicidade se torna crucial para compreendermos as trajectórias, os modos de vida, as expectativas da comunidade, as suas permanências e mudanças culturais⁸.

À procura de conceitos alternativos

Procurando outros sistemas de classificação social onde esta comunidade pudesse ser integrada, buscamos autores que têm problematizado/conceitualizado em torno desta questão. Neste sentido, procurámos socorrer-nos do conceito de *ethclass* que, de acordo com Gordon (1964, cit. por Devore e London,

⁷ Podemos considerar no entanto que esta comunidade possui algum «capital simbólico», através das representações positivas/negativas e das relações de força que sustentam a sua relação com a sociedade no seu todo.

⁸ A análise do desenvolvimento e manutenção da ocupação de feirante pela maioria dos elementos desta comunidade cigana é que poderá revelar-se de grande valor heurístico quando associada à etnicidade, dado considerarmos que a manutenção desta ocupação está intimamente associada a valores da cultura cigana.

1993:321) «caracteriza o lugar de encontro entre classe social e pertença étnica. Este conceito explica o papel desempenhado pela pertença de classe na definição das condições básicas de vida influenciadas pela etnicidade ao mesmo tempo que dá conta das diferenças entre grupos na mesma classe social», procurando os autores cruzar neste conceito as categorias sociais de classe e de etnia. A questão mantém-se, no entanto, em aberto dado, por um lado, não termos conhecimento de maiores conceptualizações do conceito por parte do autor e, por outro, dada a dificuldade que encontramos de inserção deste grupo étnico na categoria social de classe, que não seja numa categoria meramente descritiva e não problematizadora da realidade estudada.

Outro conceito problematizado é o conceito de *underclass* (Giddens, 1997: 338), com uma primeira definição que data já de 1979. Este conceito foi inicialmente criado face à constatação de que as minorias étnicas⁹ estavam tendencialmente em posições de forte desvantagem por relação a outros grupos sociais no que concerne ao acesso a diversas oportunidades de vida, sendo notório o «acesso desigual aos lugares diferenciados do mercado de trabalho e ao sistema promocional» (ibidem). Verificava-se também que eram objecto de discriminação

⁹ De acordo com Giddens (op. cit.:309), o conceito de minorias étnicas sociologicamente definido, apresenta determinadas características que, na nossa perspectiva, permitem enquadrar a comunidade cigana estudada neste conceito. Os membros de minorias étnicas desfavorecidas estão normalmente em desvantagem face à discriminação de que são alvo; possuem um certo sentido de solidariedade de grupo, tendendo a olhar-se como «pessoas à parte» da maioria. Regra geral habitam um espaço físico e social relativamente isolado da comunidade mais alargada, tendendo a concentrar-se em subúrbios e/ou periferias. São normalmente maioritariamente endogâmicos, como forma de preservação da sua identidade cultural.

A estas características nós acrescentaríamos outra que, em termos sociológicos, não pode deixar de ser equacionada e que está relacionada com a destituição de poder por parte destes grupos minoritários. Uma minoria étnica define-se muito por relação ao poder, ou seja, pelo acesso que (não) têm a diferentes formas de poder, pautando-se a sua acção quotidiana (no caso desta comunidade) pela ausência de participação social e política na sociedade mais ampla. No entanto, a comunidade em estudo detém e preserva uma forma específica de poder, que cultiva face à sociedade em que se insere: o medo que suscita nos outros, por vezes construído na base de estereótipos que este grupo étnico procura preservar, também como forma de sobrevivência, mas que simultaneamente funciona como uma forma de segregação social.

Consideramos que as características referidas se aplicam, na sua totalidade, à comunidade em estudo, pelo que a enquadrámos na categoria social de minoria étnica.

negativa e não possuíam uma protecção social perante a lei, por referência ao grupo étnico maioritário da sociedade em que se inserem¹⁰ Já nos anos 80, o conceito de *underclass* foi utilizado para «argumentar que se havia desenvolvido uma «cultura de pobreza» nos limites mais baixos do sistema» (*ibidem*), querendo este conceito significar a produção de indivíduos incapazes de utilizar as oportunidades de que eventualmente pudessem dispôr Habitados a viver da segurança social, ficariam destituídos do espírito de iniciativa necessário para se libertarem dessa dependência Esta dependência levaria a uma situação de exclusão social ou de colocação nas margens do tecido social, por parte destes elementos, constituindo-se como «sujeitos» e não como «cidadãos»¹¹.

A aplicação deste conceito à comunidade em estudo, corresponderia então a uma forma de responsabilização dos seus elementos pela situação relativamente marginal e de exclusão social em que se encontram, ilibando as políticas sociais e a sociedade civil no seu todo de responsabilidades na produção destes contextos, o que nos recusamos a admitir e a aceitar tão somente como hipótese, dado esta negligenciar o facto da sociedade ser constituída por grupos de sujeitos-actores portadores de estatutos sociais diferenciados (hierarquizados e hierarquizantes), auto e hetero condicionadores das trajectórias de vida dos diferentes grupos sociais

Não consideramos pois que qualquer destes conceitos seja adequado para classificar socialmente a comunidade cigana analisada, pelo que, à falta de um conceito que consideremos mais adequado, iremos pautar a nossa análise por referência à *etnicidade*, enquanto *forma de expressão da etnia*, procurando analisar, não um *habitus* de classe, mas um *habitus* de grupo onde a etnicidade se tornará tão significativa para compreender a realidade social como o conceito de classe social¹².

¹⁰ Lembramos no entanto que, por vezes, são os próprios grupos sociais que, como forma de preservação dos seus valores culturais, se colocam intencionalmente fora desta protecção social, o que, de qualquer forma, não nos parece ser o caso da comunidade cigana em análise

¹¹ A propósito das categorias de exclusão social e de sujeitos *vs* cidadãos, ver Mylonas (1999) e Balibar (1984) respectivamente

¹² Quando falamos em etnicidade, partilhamos o conceito de Fernando Luís Machado (1992: 123, 124) quando o autor refere que «falar de etnicidade é, genericamente, falar da relevância que a pertença a determinados grupos étnicos pode adquirir no plano das desigualdades sociais, das identidades culturais e das formas de acção colectiva», ganhando «tanto mais relevância quanto mais acentuadas

O conceito de *habitus* é um conceito problematizado por Bourdieu (1998: 169, 170), que o define como um sistema de disposições mentais duráveis, incorporadas progressivamente pelos sujeitos no seu processo de socialização primária e também no meio social onde se desenvolvem (e mais tarde também pela instituição escolar) e que medeia as relações entre os indivíduos, e entre os indivíduos e as restantes instituições da sociedade, influenciando as suas práticas sociais e os seus modos de vida. Este *habitus* é diferenciado em função da classe social de pertença, por referência a «condições de existência diferentes», que se tornam visíveis, por exemplo, no consumo diferenciado (em termos quantitativos e qualitativos) de bens culturais por parte das diferentes classes sociais, em função dos «gostos» que cada uma apresenta, evidenciando estilos de vida distintos que, sendo socialmente construídos, tendem a aparecer como «naturais» Nas palavras do autor,

«o princípio unificador e gerador das práticas é o habitus de classe como forma incorporada da condição de classe e dos condicionamentos que esta condição impõe; por conseguinte, é necessário construir a classe objectiva como conjunto de agentes que se encontram situados em condições de existência homogêneas que impõem uns condicionamentos homogêneos e produzem uns sistemas de disposições homogêneas, apropriadas para engendrar umas práticas semelhantes e que possuem um conjunto de propriedades comuns, propriedades objectivadas, às vezes garantidas juridicamente (como a posse de bens ou poderes) ou incorporadas, como o habitus de classe (e, em particular, os sistemas de esquemas classificadores»¹³ (op cit.: 100)

forem os contrastes [sociais e culturais] de uma minoria com a sociedade em que está fixada» A este conceito nós acrescentaríamos o carácter dinâmico de que o mesmo se pode revestir, no sentido da adaptação dos diferentes grupos étnicos aos diferentes contextos sociais de existência e vice-versa. Neste sentido torna-se importante salvaguardar aqui o facto das diferenças entre grupos, provenientes das etnicidades, serem diferenças socialmente construídas, incorporadas num processo de socialização primária, pelo que nenhum grupo pode ser «catalogado», em termos das características que apresenta, como «naturalmente» superior ou inferior a outro grupo, nem as diferenças tratadas numa perspectiva essencialista, mas antes relacional.

¹³ Embora de forma implícita, está também presente nesta definição o conceito de classe que, de acordo com Almeida (1995: 136) pode ser definido como «categorias sociais cujos membros, em virtude de serem portadores de montantes e tipos de recursos semelhantes, tendem a ter condições de existência semelhantes e a desenvolver afinidades nas suas práticas e representações sociais, ou seja, naquilo que fazem e naquilo que pensam»

Na concepção bourdieusiana de *habitus*, este tanto pode ser estruturante do pensamento e da acção do indivíduo, como ser estruturado, o que significa que o carácter imutável do *habitus* que o conceito supõe não existe, podendo este sofrer alterações ao longo da existência dos sujeitos-actores. Nas palavras do autor, o *habitus* é «o produto da história, é um sistema de disposições em aberto, incessantemente confrontado com novas experiências e portanto incessantemente afectado por elas. É durável, mas não imutável» (Bourdieu, 1992: 108, 109).

Tendo presente a definição de classe, de *habitus*, de *habitus* de classe e de *classe objectiva*, consideramos que esta comunidade cigana apresenta o que designaríamos por um *habitus de etnia* que seria definível, não pela posse de um capital económico, mas por uma grande homogeneidade em termos dos estilos de vida e de oportunidades de vida, que tem implícita uma certa «filosofia de vida» condicionadora das suas formas de actuação, moldadas por um *ethos* transversal e comum, por relação ao qual são grandemente definíveis as atitudes e comportamentos desta comunidade face, nomeadamente, ao que concerne ao capital cultural no seu *estado institucionalizado* e à instituição escolar, bem como aos sistemas de trabalho da sociedade mais abrangente. Este *habitus de etnia* sobre põe-se à diferenciação económica intra-comunidade dado esta não se apresentar, nesta comunidade, como um factor condicionador da frequência escolar. Como discutiremos posteriormente, a diferenciação encontrada entre as famílias estudadas no que concerne à sua forma de perspectivar a escola, poderá ser explicada pela sua *posição* face ao próprio grupo de pertença e, eventualmente, face a outros grupos étnicos.

A discussão em torno da etnicidade e das classes sociais foi também levada a cabo por Seabra (1994) que, num estudo realizado junto de uma comunidade caboverdiana, procurou analisar as estratégias de socialização familiar por relação à etnicidade e à classe social, no sentido de perceber se a variação de estratégias em relação à escola se fazia de acordo com a pertença étnica ou com a pertença a diferentes classes sociais. Os resultados desta investigação apontam para a «primazia do *habitus* de classe» (*op. cit*: 97), que se sobrepõe à etnicidade, considerando a autora que, neste caso específico, os resultados evidenciam «a fragilidade da ideia de que as identidades estruturadas em torno de uma pertença

étnica particular constituem um obstáculo à adaptação e progressos escolares» (*ibidem*) Na nossa perspectiva, as reflexões da autora, resultantes da pesquisa de terreno efectuada, não podem ser desligados da etnia estudada - caboverdiana - que, no que concerne a formas de perspectivar a escola, consideramos ser uma etnia que tem evidenciado grande proximidade cultural com as diferentes classes sociais dos chamados portugueses brancos. No caso da etnia cigana e no que a esta comunidade diz respeito, como referimos, a investigação desenvolvida leva-nos a considerar que a relação destas famílias com a escola é fundamentalmente influenciada por um *habitus de etnia* e não por um *habitus de classe*.

Assim, considera-se que, mais importante do que identificar a localização ou as possibilidades de localização na estrutura de classes dos elementos do grupo étnico cigano será perceber em que medida a pertença a uma determinada etnia (neste caso cigana) poderá condicionar e influenciar a sua relação com a etnia maioritária e as relações intra-grupo, no que concerne às suas possibilidades de acesso a títulos escolares elevados e à inserção no mercado de trabalho numa relação igual (ou aproximada) à dos restantes sujeitos-actores sociais pertencentes à sociedade no seu todo.

Em busca da conceptualização de um novo conceito: os lugares de etnia

Nesta comunidade, não nos parece existir então um *habitus* de classe, mas antes um *habitus* por relação à etnia que se sobrepõe a qualquer outro, sendo que, na nossa perspectiva, este *habitus* pode ser tanto mais forte (estruturante) ou mais fraco (estruturado) em função do maior ou menor *grau de abertura* (podendo aqui considerar-se a existência do que designamos por um *habitus composto*) ou de *fechamento* de cada grupo étnico por relação aos restantes grupos étnicos com os quais coexiste e interage (o que designamos como a posse de um *habitus simples*).

Com base no trabalho etnográfico que realizámos, queremos defender que a relação destas famílias com a escola e com o mercado de trabalho, reflecte exactamente o efeito desse *habitus* de grupo étnico, embora estas famílias apresentem algumas heterogeneidades entre si, que pensamos ser o resultado de percursos e de processos de socialização diferenciada por parte de alguns destes elementos, que se traduziria numa consciencialização da necessidade de

uma adaptação às transformações que ocorrem na sociedade onde se inserem, quer em termos dos «estilos de vida» que apresentam, quer em termos das «oportunidades de vida» que poderão construir, o que nos levou a reflectir sobre a possibilidade de existência do que designaríamos de *lugares de etnia* (inspirados nos *lugares de classe*): *lugares intermédios dentro do habitus de etnia*. Estes *lugares de etnia* seriam construídos a partir da auto-diferenciação e auto-hierarquização de alguns elementos desta etnia em relação a outros elementos do próprio grupo (e, eventualmente, em relação a elementos de outros grupos étnicos) e seriam definíveis, nesta comunidade, não por relação à posse de capital económico ou do lugar ocupado no sistema de produção, mas por relação a diferentes «esquemas de pensamento e de acção», ou seja, por relação à cultura e às interacções culturais intra e inter-étnicas.

A análise dos discursos de alguns dos sujeitos-actores de etnia cigana entrevistados e a observação participante que realizamos, tornou visível uma certa auto-diferenciação entre os elementos do grupo, visíveis em formas de pensamento e de acção diferenciadas, influenciadas e influenciáveis por trajectórias de vida também elas diferenciadas, dando origem a aspirações e expectativas de vida que poderíamos considerar divergentes, levando-nos a pensar na possibilidade de existência de *lugares de etnia*, que definiríamos, como dissemos anteriormente, pela posse de um *habitus étnico* que poderíamos considerar *simples* ou *composto* e que definiria o lugar, em termos culturais, de grupos de indivíduos ou de sujeitos-actores individualmente considerados, por relação ao próprio grupo de pertença (e/ou por relação a outros grupos étnicos)

Assim, estes *lugares de etnia*, poderão ter origem em subgrupos étnicos que procuram manter relativamente «intacta» a sua cultura (*habitus simples*), onde as atitudes e os comportamentos dos sujeitos-actores são enformados e informados pelo que designaríamos por um certo *determinismo étnico*:

«Um cigano é sempre um cigano. Nunca deixa de ser. E um cigano a sério defende a sua raça e a sua cultura, os seus costumes. Defende as suas mulheres, a sua honra, os seus mortos, todos os seus costumes»¹⁴,

¹⁴ Conversa informal com um ancião ex-líder desta comunidade cigana, avô de *Maria*, de 9 anos, a frequentar, na altura, o 4º ano de escolaridade

Para procurar assegurar o anonimato dos sujeitos-actores que fizeram parte deste trabalho, os nomes aqui utilizados não têm correspondência com a realidade

ou em atitudes e comportamentos (resultantes de um processo reflexivo) que poderão ir no sentido de um certo *distanciamento* em relação a determinados valores e práticas culturais do grupo étnico de pertença (*habitus composto*), embora este distanciamento não signifique a perda da identidade cultural.

Os *lugares de etnia* seriam assim definidores da *posição no grupo*, ou seja, o lugar ocupado pelos sujeitos-actores dentro do seu próprio grupo de pertença, por referência a outros sujeitos-actores da mesma etnia¹⁵:

«() eu pessoalmente sou cigano e cada vez que vou dar um passeio, eu não gosto de ir com ciganos; sou cigano e não gosto de ir com os ciganos dar um passeio porque acho que quando se junta três ou quatro ciganos, ou se tem a sua maneira de estar na vida, e a maneira de estar na vida deles é diferente da sua, são mais brincalhões, mais indisciplinados, mais mal educados, e de uma certa forma eu sinto-me envergonhado quando eu estou à beira de três ou quatro ciganos fora do bairro. Pronto, e então por essa razão, prefiro ir com pessoas não ciganas se tiver de ir dar um passeio (), não vou acompanhar com este e com aquele»¹⁶.

«Nós não somos com os pais da Maria, a filha quer usar calças, não pode porque o pai não deixa, a filha quer estudar, não pode porque o pai não deixa (e a mãe concorda); nós não, não lhe damos uma educação anti-quada; queremos que ela seja como gosta de ser»¹⁷.

«Eu também fiz a 4ª classe por minha cabeça porque a minha mãe queria-me tirar sempre: "ah, já és muito grande". E eu fugia para a escola E não queria sair da escola () E mesmo assim, a 4ª classe eles não me deixavam fazer Porque ela batia-me e tudo, que eu não podia ir para lá, e eu ia na mesma () Consegui E quero que a minha filha "vaia" mais acima Não é à 4ª classe Quero que "vaia" mais»¹⁸

«() Porque a gente não somos iguais aos ciganos que andam aí a acampar aqui e acampar ali. Porque há ciganos assim. E a gente não

¹⁵ Estes *lugares de etnia* que, na comunidade em análise, nos parecem no presente, apenas referenciáveis a valores culturais, poderão também estar relacionados com a possibilidade de exercício de diferentes ocupações. Esta é uma hipótese que pretendemos explorar e problematizar em trabalhos futuros

¹⁶ Extracto de entrevista realizada a um elemento da comunidade cigana que é considerado o seu líder.

¹⁷ Pais de *Isabel*, de 9 anos, a frequentar, na altura, o 4º ano de escolaridade (notas do diário de bordo).

¹⁸ Extracto da entrevista à mãe de *Isabel*

somos iguais a eles. A gente somos outra maneira de ciganos. () Somos diferentes deles»¹⁹

Queremos uma vez mais assinalar o facto desta diferenciação não se fazer por referência à posse diferenciada de capital económico, dado estas famílias apresentarem precárias condições materiais de existência, por oposição a uma das famílias estudadas, que revelou alguns sinais exteriores de algum desafogo económico, mas que não demonstrou qualquer intencionalidade de dar continuidade ao percurso escolar da sua descendente do género feminino

Assim, podemos considerar que, da observação participante e das entrevistas que realizamos nesta comunidade, foi visível: a existência de constrangimentos de ordem material para o prosseguimento de estudos por parte de algumas famílias; socializações primárias que apontam para a existência de *descontinuidades culturais* por referência aos valores culturais tradicionais da comunidade (também por relação ao género feminino), *visíveis no prosseguimento de estudos por parte de algumas crianças*; socializações familiares que apontam para a existência de *continuidades culturais* no que concerne ao estatuto de relativa subordinação da mulher dentro da comunidade, visíveis na interrupção do percurso académico das raparigas; manifestações de vontades individuais dos sujeitos-actores crianças e adolescentes, que se inscrevem num claro desejo de mudança, traduzido numa agência humana que é no entanto relativamente constrangida pelo seu reduzido poder face à autoridade parental, que procuram por vezes contornar (sem afrontar) através de omissões e dissimulações que dão origem a práticas sociais diferentes e divergentes das dos seus progenitores, naquilo que parece ser uma tentativa de construção de uma «cultura de compromisso» (Charlot, 1993), procurando conciliar, no seu estilo de vida, duas culturas diferentes

Na nossa perspectiva, seria a existência de *lugares de etnia* que possibilitariam a compreensão da relativa heterogeneidade encontrada na comunidade, nomeadamente no que diz respeito à forma de perspectivar a escola por algumas famílias, originando intencionalidades e práticas de continuidade do percurso escolar ou de interrupção desse mesmo percurso, evidenciando uma «não-sincronia» (de perspectivas e de práticas) interna à comunidade

¹⁹ Extracto da entrevista aos pais de Ana, de 9 anos, a frequentar, na altura, o 4º ano de escolaridade

No entanto, a escassez de dados empíricos a este nível não nos permite no momento desenvolver esta hipótese, pelo que fica em aberto para uma problematização/conceptualização mais aprofundada em trabalhos que pretendemos realizar futuramente.

Diferenciações culturais e sociais intra e inter comunidades

Relativamente aos «contrastes sociais e culturais» desta comunidade com as restantes comunidades residentes no bairro (que consideramos estar ligados aos *lugares de etnia*), e tomando por referência os conceitos de «etnicidade forte» e de «etnicidade fraca» de Fernando Luís Machado (1992)²⁰, consideramos que esta comunidade se aproxima parcialmente dos chamados «grupos étnicos de forte etnicidade», dado evidenciarem um contraste cultural relativamente elevado por relação com a sociedade mais alargada em que está inserido, embora o mesmo não seja tão visível no que diz respeito ao contraste social. Consideramos, portanto, que esta comunidade é culturalmente mais contrastante do que, por exemplo, a comunidade caboverdiana residente no bairro, em termos de estilos de vida, e socialmente menos contrastante (embora apresente heterogeneidades entre si) por comparação com a população de etnia maioritária que é constituída por elementos portugueses de cultura portuguesa de estratos socioeconómicos desfavorecidos. Com efeito, o local de residência concentra uma população de baixos recursos económicos, as condições de habitabilidade são igualmente precárias, vivendo em blocos degradados de habitação social. No entanto, em termos de graus académicos, apresentam níveis de escolaridade relativamente mais baixos (por exemplo, há um número maior de famílias de etnia cigana em que os progenitores não possuem o 1º Ciclo do Ensino Básico completo²¹).

²⁰ Este autor considera que os grupos étnicos que revelam uma «etnicidade forte», são aqueles nos quais se torna visível um maior contraste social e cultural em relação às sociedades mais alargadas onde se inserem. Na definição de «contraste social» o autor inclui as seguintes dimensões: localização residencial, estrutura etária e sexual, níveis de escolaridade e composição de classe. Na definição de «contraste cultural» o autor inclui as dimensões religiosa, linguística, racial, matrimonial e, em termos gerais, os modos de vida. No entanto, Fernando Luís Machado, neste estudo, não parece contemplar ainda a hipótese da comunidade que estudou apresentar heterogeneidades, quer ao nível dos contrastes sociais, quer ao nível dos contrastes culturais.

²¹ Dados recolhidos no decurso do trabalho de campo.

Em termos do número de filhos, se nas gerações mais velhas o contraste com a restante população é acentuado, nas gerações mais jovens (de acordo com os dados recolhidos no que a esta comunidade diz respeito) o número de filhos já se apresenta relativamente mais próximo da restante população do bairro: dois, três filhos por casal, sendo visível, nos dados recolhidos através de conversas informais, a adopção de um planeamento familiar.

Podemos então considerar que as gerações mais velhas apresentam algumas características que as aproximam de um contraste social relativamente forte com a restante população do bairro, sendo que esse contraste tende a diminuir nas gerações mais jovens, da faixa etária dos 25-35 anos.

Relativamente aos aspectos culturais, verifica-se um contraste relativamente acentuado por comparação com as restantes comunidades do bairro, no que concerne a formas de vestuário e estilos musicais, a utilização de uma variante da língua Romanó (o caló) para se expressarem por vezes entre si (apesar da língua quotidianamente falada ser o português), sendo uma comunidade ainda relativamente endogâmica. Não foi no entanto perceptível se esta endogamia se mantém como forma de preservação da sua identidade cultural, e/ou por receio de conflitos entre culturas que apresentam estilos de vida diferentes:

«() a adaptação, portanto, a pessoa que viesse para a nossa classe, é um bocado difícil, percebe. Não é o mesmo sistema, não é a mesma educação () Mediante os costumes, a pessoa cigana casada com uma da vossa é capaz de já ter outros costumes. É capaz de dizer ao marido: "olha, vamos ao cinema" quando ela quer e lhe apetece e tal, mas a gente não funciona assim - o marido é que tem que decidir. Vai o marido dizer "não vamos" e ela diz "mas temos que ir"! Aí já começa a haver uma certa desestabilização, percebe. Se for preciso quer ir ao café a qualquer hora e nós já não somos assim () Está acostumada a ter uma certa liberdade. E a gente não dá () assim uma certa liberdade à mulher, percebe»²²

Estes contrastes culturais são também visíveis nas relações de sociabilidade dos seus elementos que são maioritariamente intra-grupo, embora nas gerações

²² Extracto da entrevista ao pai de Mariana, de 14 anos, a frequentar, na altura, o 5º ano de escolaridade.

mais jovens, principalmente no que concerne ao género masculino, esta sociabilidade intra-grupo tenda a diminuir²³

O desenvolvimento da ocupação de feirante pela quase totalidade dos elementos adultos desta comunidade, é também um factor de acentuação do contraste cultural com a comunidade envolvente: enquanto as restantes comunidades exercem uma multiplicidade de ocupações (entre as quais, também a de feirante), a comunidade cigana exerce esta ocupação, tendo subjacente uma determinada «filosofia de vida», incorporada nos processos de socialização primária, que também inclui a necessidade de ser «dono e patrão de si próprio».

A opinião manifestada pelas crianças/adolescentes (nas entrevistas que realizamos e nas conversas informais que mantivemos) relativamente à endogamia, apresenta indícios de mudança, o que poderá significar que, para além dos contrastes sociais e culturais não apresentarem homogeneidade, a heterogeneidade poderá ser maior à medida que as crianças/adolescentes de hoje façam a transição para o estado adulto, embora não consideremos que a progressividade desta heterogeneidade seja sinónimo de uma gradual assimilação cultural de alguns sujeitos-actores desta comunidade, mas antes o resultado de um processo de reflexão acerca de determinados valores culturais cuja significatividade tende a diminuir pela ausência de sentido que lhe é atribuída²⁴.

²³ Com efeito, na comunidade estudada, enquanto que as crianças e jovens ciganos do género masculino tendem a desenvolver relações de sociabilidade com crianças e jovens do género masculino pertencentes a outras etnias, as crianças e jovens ciganas do género feminino tendem a privilegiar, no desenvolvimento das suas relações de sociabilidade, as raparigas da mesma etnia

²⁴ Reflectindo em torno das heterogeneidades reveladas, pensamos ser importante referirmos o conceito de *cultura* que partilhámos com alguns autores, nomeadamente Willis e Stoer. Na nossa perspectiva, o conceito de cultura deverá ser entendido como um conceito dinâmico, dialéctico, composto de permanências e de mudanças, de *estrutura* e de *agência*, onde se conjugam os valores, as normas, as regras, os símbolos, os rituais, as crenças que tecem os quotidianos dos sujeitos-actores e que permanecem vivos através da sua transmissão de geração em geração (a reprodução), com as dinâmicas, as interações, as interrogações. a capacidade de «agência humana», que estão na origem de novas produções. Nas palavras de Stoer (1992:75), a cultura assim definida tem implícito «que os actores sociais são ao *mesmo tempo* o produto de produções anteriores e os agentes criativos responsáveis por novas produções». Esta «tensão» (ibidem) entre *estrutura* e *agência* constitui o factor de mudança social e, nesta comunidade, corresponderá à mudança necessária para sem perda do núcleo estruturador da sua identidade primária, construído aquando da sua primeira socialização, mas flexibilizada pelas interações culturais com outros grupos sociais, sobreviver/

Creemos assim que o que importa aqui salientar é que, dentro desta comunidade, são visíveis grupos de sujeitos-actores que apresentam fortes contrastes sociais e culturais e grupos de sujeitos-actores que apresentam contrastes sociais e culturais mais fracos por relação às restantes comunidades residentes no Bairro. Esta diferenciação de contrastes revela assim a simultaneidade de existência de regularidades e singularidades culturais e sociais resultantes da dinâmica dos processos de interacção social intra e inter comunidades, que daria origem a possíveis *lugares de etnia* que, evidenciando uma «não-sincronia» interna a grupos socioculturais, se poderão constituir num «instrumento heurístico» (Garvía, 1998) potenciador de uma análise e de um conhecimento mais aprofundado da etnicidade cigana.

Correspondência: Maria José Casa-Nova, Departamento de Sociologia da Educação e Administração Educacional, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Gualtar, 4710 BRAGA

Email: mjcasanova@icp.uminho.pt

Bibliografia

- BAIBAR, Étienne (1984) «Sujets ou Citoyens? (Pour l'égalité)», in *Les Temps Modernes*, 1727-1753
- BAIBAR, Étienne & WALLERSTEIN, Immanuel (1997) *Race, Nation, Classe - Les Identités ambiguës*, Paris: Editions La Découverte & Syros
- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude (s/d) *A reprodução*, Lisboa: Ed. Vega
- BOURDIEU, Pierre (1977) *Outline of a Theory of Practice*, Cambridge: University Press
- BOURDIEU, Pierre (1979) «Os três estados do capital», in Maria Alice Nogueira e Afrânio Catâni (orgs.) (1998) *Escritos de Educação*, Petrópolis: Editora Vozes
- BOURDIEU, Pierre (1980) «O capital social - notas provisórias», in Maria Alice Nogueira e Afrânio Catâni (orgs.) (1998) *Escritos de Educação*, Petrópolis: Editora Vozes
- BOURDIEU, Pierre (1998) *La Distinción - Criterio y bases sociales del gusto*, Madrid: Ediciones Santillana

/viver dentro da sociedade mais alargada, em interacção com todos os sujeitos-actores que a constituem, num processo gradual de integração e não de segregação ou de assimilação (a propósito destes conceitos, ver Casa-Nova, M. J., 2001a)

- CASA-NOVA, Maria José (2001^a) «Sociedades e Escolas Multiculturais - Esboço de um quadro teórico para análise das práticas», *Revista de Administração Educacional*, Recife, v 1, n° 7, 69-90
- CASA-NOVA, Maria José (2001) *Etnicidade, Género e Escolaridade - Estudo em torno das socializações familiares de género numa comunidade cigana da cidade do Porto*, Lisboa: IIE (no prelo).
- CHARLOT, Bernard (1995) «Relações das crianças de classes populares com a escola e o saber», in *Cadernos de Graduação*, série Reflexões - 2º caderno, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (texto policopiado)
- DEVORE, Wynetta & LONDON, Harlon (1993) «Ethnic Sensivity for Practitioners», in Harriette Pipes McAdoo, *Family Ethnicity - Strength in diversity*, Sage Publications, 317-331
- ESIANQUE, Elísio & MENDES, José Manuel (1997) *Classes e Desigualdades Sociais em Portugal - um estudo comparativo*, Porto: Edições Afrontamento
- FERREIRA DE ALMEIDA, João Ferreira (1994) (Org) *Introdução à Sociologia*, Lisboa: Universidade Aberta
- FERREIRA DE ALMEIDA, João Ferreira, FIRMINO DA COSIA, António e MACHADO, Fernando Luís (1990), «Estudantes e amigos - trajectórias de classe e redes de sociabilidade», in *Análise Social*, vol XXV, 193-221
- MACHADO, Fernando Luís (1992) «Etnicidade em Portugal - Contrastes e politização», *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 12 , 123-136
- GARVÍA, Roberto (1998) *Conceptos fundamentales de Sociologia*, Madrid: Alianza Editorial
- MARX, Karl (1997) *Manifesto Comunista* (edição original de 1848), Madrid: Ed AKAL, S A
- McLORITHY, Cameron (1994) *Racismo e Curriculum*, Madrid: Ed Morata
- MYLONAS, Théodoro (1999) «L'exclusion Sociale Commence à l'école», *Mediterranean Journal of Educational Studies*, Vol 4, nº 1, 83-100
- OLIN WRIGHT, Erik (1979) *Class, Crisis and the State*, Londres: Ed Verso
- OLIN WRIGHI, Erik (1989) *Classes*, Londres: Ed Verso
- SEABRA, Teresa (1994) *Estratégias Familiares de Socialização das Crianças - etnicidade e classes sociais*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: ISCIE
- SEABRA, Teresa (1999) *Educação nas famílias - etnicidade e classes sociais*, Lisboa: IIE
- STOER, Stephen Ronald (1992) «A Reforma Educativa e a Formação de Professores em Portugal: perspectivas inter/multiculturais» in António Nóvoa & Thomas Popkewitz (orgs) *Reformas Educativas e Formação de Professores*, Lisboa: Educa
- WEBER, Max (1979) «Classe, Status, Partido», in Otávio Velho, Moacir Palmeira e António Bertelli (orgs) *Estrutura de Classes e Estratificação Social* (edição original de 1922), Rio de Janeiro: Zahar Editores